

## O VISITANTE DA NOITE

HARTLEY F. DAILEY

O vale de Greenbriar estava quase escondido pelas nuvens baixas que provocavam chuvas intermitentes. Eu caminhava com dificuldade pelo terreno cheio de lama, me preparando para os afazeres da tarde em nossa fazenda, quando olhei para a estrada que passava pela nossa casa e serpenteava pelo vale. Um carro estava parado ao lado da pista, um pouco além do pasto.

Naturalmente o carro estava com problemas. De outra forma, um homem bem-vestido não estaria tentando consertá-lo sob a chuva. Via-se que ele não era um mecânico, mexendo no motor e tentando desesperadamente dar a partida.

Quando terminei o que tinha de fazer e fechei o celeiro, já era quase noite. O carro ainda estava lá. Peguei, então, uma lanterna e fui até a estrada. O homem ficou meio assustado quando me aproximei, mas se mostrou ansioso pelo meu auxílio. Era um carro pequeno, da mesma marca do meu, embora mais novo. Em minutos identifiquei o problema.

- É a bobina - eu disse.

- Mas não pode ser! - exclamou. - Acabei de instalar uma nova, há cerca de um mês.

Era um rapaz jovem, pouco mais que um menino. Tinha uns dezoito anos, no máximo. Parecia que ia chorar.

- Estou muito longe de casa. Está chovendo. E preciso dar partida no carro. Tenho de dar partida! - disse quase soluçando.

- É, mas a situação é essa - eu disse. - Bobinas são muito sensíveis. Às vezes duram por anos. Outras se acabam numa questão de horas. Posso pegar um cavalo e levar o carro até o celeiro. Daí vamos ver o que dá para fazer por você. Podemos tentar a bobina do meu carro. Se funcionar, conheço uma pessoa aqui perto que pode lhe vender uma.

Eu estava certo. Com a bobina do meu carro, o motor imediatamente pegou, como novo.

- Viu? Era simples - eu disse sorrindo. - Vamos ver Bill David ali adiante. Ele vai lhe vender uma nova bobina e você poderá seguir seu caminho. Espere só um instante enquanto aviso à minha mulher, Jane, aonde vou.

No caminho para a loja de David, achei que o rapaz estava meio estranho. Ele estacionou no escuro, atrás da loja, e não quis sair do carro.

- Estou molhado e com frio - se desculpou. - Aqui está o dinheiro. O senhor se importaria de entrar e comprar a bobina para mim?

Acabáramos de trocar a bobina quando minha filhinha, Linda, veio até o celeiro.

- Mamãe mandou dizer que o jantar está pronto - ela anunciou. E, virando-se para o jovem, acrescentou: - Ela disse para você entrar e jantar também.

- Ah, não posso - ele protestou. - Tenho de ir. Não, não, não dá para ficar.

- Não seja ridículo - eu disse. - Afinal, quanto tempo você vai levar para jantar? Além disso, ninguém vem à casa de Jane na hora da refeição e sai sem comer. Você não gostaria que ela se deitasse na lama na frente do seu carro, gostaria?

Ainda protestando, ele se deixou conduzir até a casa. Mas eu tinha a impressão de que seu protesto não era por educação.

Ele se manteve calado enquanto eu fazia a prece. Mas parecia agitado durante a refeição. Mal tocou a comida, o que foi quase um insulto a Jane, uma exímia cozinheira.

Depois do jantar, ele se levantou rapidamente e anunciou que devia partir. Mas não contava com a reação de Jane. - Olhe aqui - ela disse, me olhando em busca de apoio. Está chovendo muito lá fora. Suas roupas estão completamente molhadas e você vai acabar resfriado. Aposto que também está cansado porque deve ter dirigido muito hoje. Fique conosco esta noite. Amanhã estará aquecido, seco e descansado.

Aprovei com a cabeça, olhando para Jane. Não é aconselhável acolher estranhos dessa maneira. Infelizmente, há muitas pessoas em quem não se pode confiar. Mas eu gostara do rapaz.

Tive a certeza de que não haveria problema.

Relutante, ele concordou em ficar. Jane levou-o até o quarto de visitas e colocou suas roupas para secar perto da lareira. Na manhã seguinte ela as passou antes de servir ao visitante um belo café da manhã. Essa refeição o rapaz comeu com prazer. Parecia que estava mais calmo naquela manhã. Ele nos agradeceu efusivamente quando saiu.

Mas, quando pegou a estrada, aconteceu uma coisa estranha. Na noite anterior, ele estava descendo o vale. Ao partir, tomou a direção oposta, voltando para a capital. Ficamos pensando nisso por um bom tempo, mas concluímos que ele se confundira na estrada.

O tempo passou e nunca mais soubemos notícias do jovem.

Nem esperávamos saber, na verdade. Os dias se transformaram em meses, os meses em anos. A Grande Depressão acabou e veio a Segunda Guerra. Que, a seu tempo, acabou também. Linda cresceu e tinha agora sua própria casa. As coisas na fazenda estavam muito diferentes daqueles primeiros dias de luta. Jane e eu vivíamos de maneira confortável, rodeados pelo aprazível vale Greenbriar.

Há poucos dias recebi uma carta de Chicago. Uma carta pessoal, num papel requintado e caro. "Quem nesse mundo poderá estar me escrevendo de Chicago?", pensei. Abri a carta e li:

Caro Sr. McDonald:

Não imagino que o senhor se lembre do jovem a quem ajudou, anos atrás, quando o carro dele quebrou.

Faz muito tempo e imagino que o senhor tenha auxiliado a muitos outros. Mas duvido que tenha ajudado alguém do mesmo modo como me ajudou.

Imagine que, naquela noite, eu estava fugindo. Eu tinha no carro uma grande soma de dinheiro que eu roubara de meu patrão. Quero que o senhor saiba que tenho pais cristãos, boas pessoas. Mas esqueci seus ensinamentos e me juntei ao mau rebanho. Eu sabia que tinha cometido um erro terrível.

Mas o senhor e sua mulher foram muito bons para mim. Naquela noite, em sua casa, comecei a ver como estava errado. Antes de amanhecer, tomei uma decisão. No dia seguinte, voltei ao meu emprego e confessei o que fizera. Devolvi todo o dinheiro a meu patrão e lhe implorei perdão.

Ele podia ter me processado e me mandado para a cadeia por muitos anos. Mas, como é um homem bom, ele me devolveu o emprego. Nunca mais me desviei do bom caminho. Agora estou casado, com uma mulher adorável e temos duas lindas crianças. Trabalhei bastante e tenho uma boa posição na empresa. Não sou rico, mas estou numa boa situação.

Eu poderia recompensá-lo generosamente pelo que o senhor fez por mim naquela noite. Mas não acredito que o senhor queira isso. Então resolvi estabelecer um fundo para ajudar outras pessoas que cometeram o mesmo e quero que eu. Desta forma, acredito poder pagar pelo meu erro.

Que Deus o abençoe, senhor, e à sua bondosa esposa, que me ajudou ainda mais do que o senhor sabia.

Entrei em casa e dei a carta a Jane. Enquanto a lia, vi que seus olhos se encheram de lágrimas. Com o semblante sereno, ela colocou a carta de lado.

- "Fui peregrino e me acolhestes..." - ela citou Mateus.

- "Tive fome e me destes de comer... estava preso e viestes ver-me".

Nenhum ato de bondade, por menor que seja, jamais é em vão.

Esopo